

Arte, modernidade e enigma.
Sobre *Infância em Berlim por volta de 1900*

Patricia Lavelle (CRIA-EHESS)

Em um longo artigo intitulado « Imitação da Natureza : contribuição à pré-história da ideia do homem criador », Blumenberg examina historicamente o processo de dissolução do conceito aristotélico de *mimesis*. Ora, se Aristóteles define toda produção humana com a formulação de que a arte é a imitação da natureza, isso significa que esta, compreendida num sentido largo que abarca também a técnica, deve não apenas imitar o que é naturalmente dado, mas também completar o processo natural, imitando-o em sua produtividade espontânea. Nesta perspectiva, a natureza e a “arte” são análogas. Blumenberg mostra assim que o momento moderno na arte se caracteriza pela distinção entre criação e natureza, e portanto pela concepção do fazer artístico como invenção e não mais como imitação : “[...] desde que Parmigiano pintou, em 1523, seu autorretrato em um espelho convexo deformante – assim não mais mantendo e encarecendo o natural no artificial, mas com ele rompendo e transformando - , a assinatura do homem criador tornou-se, na obra de arte, sempre mais agudamente articulada à sua potência cognoscitiva”.¹ A ruptura moderna com a *mimesis* aristotélica corresponde ao movimento pelo qual a reflexão contida no fazer artístico torna-se consciente de si mesma e de seu potencial inventivo que também é cognitivo. Isto coincide com a dissolução da referência à natureza e com a concepção da arte como um processo histórico no qual novas obras são criadas a partir das anteriores.

As vanguardas artísticas do início do século XX explicitam e pensam a reflexividade inerente à obra de arte, exacerbando assim essa tendência que articula o questionamento do caráter referencial da representação artística à noção de invenção ou de criação. Neste contexto, que inclui movimentos tão diferentes entre si quanto a arte abstrata e o surrealismo, podemos situar a obra de Walter Benjamin, que se singulariza pela tensão nunca resolvida entre invenção poética e especulação filosófica. A modernidade de *Infância em Berlim por volta de 1900* repousa sobre essa tensão sobre a qual se constitui a estrutura do enigma artístico, que também caracteriza os diálogos de Valéry. Assim, o objetivo do mini-curso será examinar a prosa enigmática de *Infância em Berlim*, na qual elementos teóricos remetendo a uma reflexão sobre a imaginação, concebida como a faculdade de perceber e de produzir semelhanças não sensíveis, se apresentam poeticamente. Estas memórias de infância não propõem uma teoria, mas constituem uma constelação de ideias estéticas onde são os procedimentos artísticos – jogos de deformação de palavras, assonâncias, metáforas, figuras alegóricas – que contém elementos propriamente especulativos remetendo a este feixe de problemas que chamamos imaginação e que concerne à questão do tempo e da memória. A problemática das “semelhanças não sensíveis” atravessa o conjunto, que pode ser compreendido como um trabalho de distanciamento reflexivo da imagem. Pois, deixando entrever o horizonte teórico imbricado na proliferação exuberante de semelhanças artisticamente produzidas, Benjamin deforma e desestabiliza o quadro mimético da representação, explicitando assim o valor cognitivo da obra de arte. Neste sentido, seu projeto autobiográfico, que deve muito a Proust e a Baudelaire, pode ser comparado ao autorretrato deformado do qual fala Blumenberg.

Para compreendermos como a reflexão sobre a faculdade mimética orienta e deforma a forma destas memórias de infância que se apresentam como um conjunto descontínuo de imagens de pensamento, será preciso recorrer a certas considerações genéticas sobre os textos, que não foram publicados em forma de livro durante a vida do autor. A primeira publicação

¹ Blumenberg, H., in : Costa Lima, Luiz (org.) *Mimesis e a reflexão contemporânea*, Rio de Janeiro, Eduerj, 2010, p.89

em apenas um volume corresponde à edição póstuma realizada por Adorno com base nos capítulos que foram publicados na imprensa periódica alemã entre 1933 e 1935 e em dois cadernos manuscritos que o ajudaram a ordenar a série de capítulos. É esta versão que está traduzida para o português. No entanto, nos anos 1980, foram encontradas duas versões datilografadas compostas pelo próprio Benjamin. Estes documentos, que se destinavam provavelmente a editores, contêm cada um apenas 30 capítulos e, embora apresentem elementos constantes, a ordem das séries e a redação diferem. O estilo da mais tardia, elaborada entre 1938 e 1939 em Paris, é bem mais sucinto do que o da mais antiga, elaborada em Berlim entre 1932 e 1933. Ao invés de desenrolar o fio das lembranças, como o faz Proust, Benjamin torna-se mais lacônico. O que parece querer explicitar não é o caráter inacabado e portanto potencialmente infinito da rememoração, mas o elemento construtivo que o permite transformar o vivido em imagens que dão muito o que pensar sem que possamos fixar os conteúdos teóricos que elas evocam sob um conceito determinado.

Diferente da edição póstuma, que se abre com os passeios da criança no parque berlinense, essa versão, dita de Paris, começa com o capítulo intitulado “Loggien”, sobre os cômodos do andar térreo, típicos dos imóveis berlinenses, que dão para pátios internos. Mas é o primeiro capítulo da primeira versão, “Mummerehlen”, que nos parece conter uma indicação fundamental sobre o programa do livro. Pois esse personagem, que constitui uma espécie de contraponto do “Corcundinha”, o qual fecha as três versões conhecidas, é uma alegoria da faculdade mimética, tematizada em duas notas especulativas da mesma época. A relação entre o projeto do livro sobre as lembranças de infância e as considerações de Benjamin sobre a semelhança não-sensível e sobre o poder de percebê-las e de produzi-las aparece também num manuscrito preparatório do início de 1933 intitulado “Sobre a lâmpada”. Assim, para introduzir o projeto de *Infância em Berlim* abordaremos a questão da semelhança, procurando aí explicitar as referências a Kant e a Freud.

Leituras recomendadas : “Mummerehlen”, “Corcundinha”, “Loggias”, “A Lontra”, in : *Obras escolhidas, vol. II* “A doutrina das semelhanças”, in : *Obras escolhidas vol. I*, p.108-113.
“Sobre alguns temas em Baudelaire”, in : *Obras escolhidas, vol. III*.

Bibliografia indicativa :

Adorno, T. W., *Minima Moralia. Réflexions sur la vie mutilée*, trad. de Éliane Kaufholz et Jean-René Ladmiral, Paris, Payot, 2003 (1951).

Benjamin, W. *Gesammelte Schriften*, editado por R. Tiedemann et H. Schweppenhäuser sob a supervisão de T. W. Adorno et G. Scholem, Frankfurt/Main, Suhrkamp, 1991.

_, *Gesammelte Briefe*, Frankfurt/Main, Suhrkamp, 1995.

_, *Berliner Kindheit um Neuzehnhundert, die Gießener Fassung*, Francfort/Main, Suhrkamp, 2000

_, *Enfance berlinoise vers 1900. La version de 1932-1933 (dite de Giessen)*, tradução francesa de Pierre Rusch, prefácio e notas de Patricia Lavelle, Paris, Editions de l’Herne, 2012.

_, *Obras Escolhidas, I, II e III*, traduções de Sergio Paulo Rouanet, Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa, prefácio de Jeanne Marie Gagnebin, São Paulo, Brasiliense, 1995.

_, *Sobre arte, técnica, linguagem e política*, introdução de T. W. Adorno, traduções de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto, Lisboa, Relógio d’Água Editores, 1992.

_, *Histórias e contos*, tradução de Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema, 1992.

_, *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*, tradução, introdução e notas de Marcio Seligman-Silva, 1993.

Baudelaire, Ch, *Œuvres*, Paris, Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1995.

Blumenberg, H. « 'Imitação da natureza' : contribuição à pré-história do homem criador », trad. de Luiz Costa Lima, in : Costa Lima, L. (org.), *Mimesis e a reflexão contemporânea*, Rio de Janeiro, Eduerj, 2010.

Freud, S. *Totem et tabou*, tradução de Janine Altounian, André Bourguignon, Pierre Cotet, Alain Rauzy com a colaboração de Florence Baillet, prefácio de Jean-Michel Hirt, Paris, P.U.F, 2010.

_, *Crítica da faculdade do juízo* (tradução de Valério Rohden e António Marques), Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

_, *Crítica da razão pura* (tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

_, *Œuvres philosophiques*, éd. F. Alquié avec la collaboration de A. J-L. Delamare, J. Ferrari, L. Ferry, F. de Gandt, P. Jalabert, J.-R. Ladmiral, M. B. de Launay, B. Lortholary, J. Masson, O. Masson, F. Marty, A. Philonenko, A. Renaut, J. Rivelaygue, J.-M. Vaysse, H. Wismann, S. Zac, Paris, Gallimard (« Bibliothèque de la Pléiade »), 1980-1986

Valéry, P. *Œuvres*, Paris, Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 2000

Worringer, W. *Abstraction et Einfühlung*, tradução francesa de Emmanuel Martineau, apresentação de Dora Vallier, Paris, Klincksieck, 2003.